



É preciso dosar expectativas

É preciso compreender a natureza do nosso conflito

O instinto mais natural do ser humano é buscar a liderança dos mais corajosos, mais fortes e destemidos.

Nossa civilização em sua forma mais germinal e primitiva tinha reis guerreiros, na *Iliada* esse perfil de líder político é evidenciado em Agamenon, Aquiles e Heitor. Os sábios eram conselheiros, tanto na guerra como na política — mas o poder decisório que caracteriza o político pertencia a uma aristocracia guerreira.

Do período feudal até o nascimento da Europa as aristocracias guerreiras protegiam os territórios de invasões bárbaras e demais tipos de atentados — usando muito mais um poder de exceção que um regime realmente político.

A história do nosso desenvolvimento político justifica o desejo de ser governado pelos corajosos, hábeis e belicosos — Ortega y Gasset chega a dizer que o Estado nacional tem origem militar. Mas também é preciso pontuar que nosso período atual não demanda apenas coragem para resolver problemas políticos, arrisco dizer que a política nunca foi tão

complexa como é hoje — quase misteriosa para o cidadão comum. As mudanças civilizacionais, econômicas, técnicas e tecnológicas foram tamanhas ao ponto de criar uma nova casta no ocidente cristão — os burocratas, os responsáveis por manter esse vasto sistema de protocolos e regimentos funcionando.

O burocrata é um técnico, segundo os valores correntes quase amoral, um seguidor de ordens e guardião de procedimentos. Com esse agravante é preciso entender que a política foi burocratizada, reduzida a um conjunto de processos legalistas muito distante do que era a política da Europa cristã ou da Grécia antiga.

O político de hoje precisa se equilibrar na corda bamba moderna do Estado burocrático, operando tecnicamente a máquina e explicando processos — enquanto sustenta sua postura de herói, mesmo amarrado pelos burocratas, processos e protocolos que

impedem que suas decisões se concretizem.

Some isso ao fato de que a demolição planejada da civilização cristã segue a todo vapor, usando desse aparato burocrático de forma muito mais efetiva que os políticos que querem proteger a igreja. Durante o século passado a nata da intelectualidade comunista — Lukács, Horkheimer, Adorno, Gramsci — percebeu que sua guerra não era apenas contra “o capitalismo”, mas contra um alvo bem mais vasto e difuso: a “civilização cristã europeia”. A ampliação do objetivo implicava, porém, uma diluição do perfil ideológico do próprio movimento comunista, de modo a que pudesse absorver, sem discussões paralisantes, todas as correntes anticristãs as mais heterogêneas. Os neomarxistas perceberam que o que sustentava o sistema capitalista não era o mercado, mas sua superestrutura — seu sistema social de valores morais, instituições e religião.

O resultado foi unir todos contra o cristianismo, todos os movimentos políticos organizados colocaram um alvo nas costas da igreja cristã e de todos os seus princípios, valores e herança intelectual — para gerar um colapso civilizatório através da desorientação.

Como operar instituições herdadas de cristãos, romanos e gregos sem ter a mais remota ideia de como elas funcionam substancialmente? Como manter a unidade social sem unidade de valores? Como sustentar instituições políticas com as instituições sociais completamente destruídas?

Nosso conflito não é simplesmente político, não é um confronto contra socialistas ou comunistas — é uma batalha complexa e em várias frentes para garantir a sobrevivência e a memória da civilização cristã. É preciso dosar as expectativas quanto às mudanças, sociais, políticas e econômicas. Não será do dia para a noite com uma vitória política acachapante que o Brasil melhorará subitamente. Essa guerra não é só espiritual, mas sem dúvidas é uma guerra de resistência.